

TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS: COMO GATOS SE SENTEM SENDO CO-TERAPEUTAS?

VERARDI^{1,2}, Amanda D'avila; ALLIEVI¹, Karina Poliana; MUELLER¹, Eduardo Negri; BRITO¹, Risciela Salardi Alves de; MASSON¹, Paola; SPRICIGO¹, Júlia Balena.

Introdução

A Terapia Assistida por Animais (TAA) constitui-se no contato entre animais e humanos com a finalidade terapêutica (CARVALHO et al., 2011). Mesmo que a utilização de animais para terapias seja efetuada desde a década de setenta, estudos voltados ao bem-estar dos co-terapeutas ainda apresentam deficiência literária significativa.

Um ponto importante para o sucesso do objetivo terapêutico proposto é entender e interpretar de forma clara e objetiva o comportamento dos animais. Ao se promover o bem-estar dos co-terapeutas pode-se prevenir situações indesejáveis e repentinas para com o paciente (COLE, 2009).

Diante do exposto, o presente estudo objetivou avaliar o grau de bem-estar de gatos utilizados como co-terapeutas em sessões de TAA.

Metodologia

Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Uso de Animais do Instituto Federal Catarinense (IFC) protocolo 21/2015 e pelo comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos parecer 1.425.740.

Foram utilizados dois gatos castrados, um macho e uma fêmea, ambos sem raça definida com 18 meses de idade. Esses animais foram selecionados de um grupo de 23 gatos, através de critérios pré-definidos.

Desde o período neonatal, os felinos foram treinados através de exercícios para que adquirissem tolerância e comportamentos adequados na relação com o ser humano. Sons como vozes e motor de carro, tipos de toques, a contenção das patas, o puxar do pelo e cauda foram apresentados. A exposição à odores, o corte de unhas, banho, o uso de roupas e coleiras e a adaptação à caixa de transporte foram também realizados. Adicionalmente, os animais participaram de sessões de TAA em um Lar de Idosos, sendo a experiência mais importante considerando-se o presente estudo. Após dez meses de treinamento, dois felinos se mostraram aptos ao papel de co-terapeutas. Deve-se mencionar que não só o treinamento foi decisivo para a seleção dos gatos, mas a personalidade individual, de modo que animais mais calmos foram preferíveis.

¹ Instituto Federal Catarinense – IFC Campus Concórdia, Rodovia SC 283 - Km 08 - Bairro Fragosos, Concórdia, Santa Catarina, Brasil. amanda.davila@ifc-concordia.edu.br

² Doutoranda em Ciência Animal, UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina – Centro de Ciências Agroveterinárias (CAV).

A avaliação do comportamento ocorreu na APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, em Concórdia, Santa Catarina, Brasil. Os gatos foram expostos a 20 homens e mulheres portadores de deficiências físicas e/ou intelectuais. Durante a TAA, os pacientes permaneciam sentados podendo acariciar ou manter os gatos no colo. Todos os pacientes eram novos para os gatos, bem como o ambiente, aromas e sons. As sessões ocorreram semanalmente durante seis semanas e tiveram duração de 45 minutos cada.

Em cada sessão de TAA foram realizadas filmagens em intervalos regulares de cinco minutos, totalizando 53 avaliações e 265 horas de observações. Assim, o objetivo foi a visualização da postura e movimento das orelhas e cauda. Essas posturas foram comparadas com padrões comportamentais de felinos domésticos propostos na literatura científica (UFAW, 1995; Kessler & Turner, 1997; Beaver, 2003) para avaliação do bem-estar.

Análise e Discussão de Resultados

Para cada padrão comportamental (relaxado, alerta, tenso, ansioso, temeroso e aterrorizado) atribuiu-se um escore, sendo o 1 o representativo de maior grau de bem-estar (relaxado) e 6 o de menor grau (aterrorizado). Os escores foram tabulados e a frequência relativa do padrão comportamental de cada felino foi calculada em relação ao tempo observado.

Para o felino fêmea, o comportamento alerta foi o que prevaleceu (52,08%) nas sessões de TAA, seguido dos comportamentos relaxado (34,03%) e tenso (12,04%); o comportamento ansioso foi raramente observado (1,85%). Para o felino macho, o comportamento tenso predominou (87,04%), seguido dos comportamentos ansioso (7,41%) e alerta (5,56%). Em ambos felinos não foi observado comportamento temeroso ou aterrorizado nas sessões de TAA.

O comportamento felino resulta da predisposição genética, aliada a experiências prévias e ao ambiente em que esteja inserido. No período sensível, o animal aprende a se relacionar com o meio e estabelecer sensações como medo, ansiedade e tranquilidade (PAZ, 2013). Apesar dos animais utilizados neste estudo terem sido estimulados de maneira similar no período sensível, o macho demonstrou comportamentos característicos de menor grau de bem-estar (tensão e ansiedade). Esses comportamentos ocorriam em resposta a sons altos ou inesperados, quando recebia toques de maior intensidade ou quando era segurado pelos pacientes com instabilidade. Possivelmente experiências negativas anteriores tornaram o gato macho sensível à essas situações, o que não foi observado na fêmea.

Considerações finais

- ✓ Os felinos não demonstraram comportamentos característicos de baixo grau de bem-estar;
- ✓ O felino macho apresentou tensão nas sessões de TAA ocasionada por fatores externos e possivelmente por experiências prévias;
- ✓ A TAA deve favorecer o animal e paciente. As posturas de orelhas e cauda são bons indicativos do grau de bem-estar de gatos, mas indicadores fisiológicos são também necessários;
- ✓ Gatos domésticos são bons candidatos a co-terapeutas, desde que estimulados no período sensível.

PALAVRAS-CHAVE

Bem-estar, etologia, pet terapia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Beaver BV. Feline behavior: A guide for veterinarians. St. Louis: Elsevier Science, 2003: 349

Carvalho, C. F., Assis, L. S., Cunha, L. P.C., 2001. Uso Da Atividade Assistida Por Animais Na Melhora Da Qualidade De Vida De Idosos Institucionalizados. Em extensão, Uberlândia, v. 10, n. 2, 149-155.

Cole, M.,L., 2009. Literature review and manual: animal-assisted therapy. A Project submitted to the School of Graduate Studies of the University of Lethbridge in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of – Master os counselling. Lethbridge, Alberta.

Paz, J. E. G., 2013. Fatores relacionados a distúrbios de comportamento em gatos. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 14.

Kessler MR, Turner DC. Stress and Adaptation of Cats (*Felis Silvestris Catus*) Housed Singly, in Pairs and in Groups in Boarding Catteries. *Animal Welfare* 1997; 6: 243-254

UFAW Animal Welfare Research Report No. 8; An etograma for behavioral studies of domestic cats, 1995.